



material
EDUCATIVO

INTERSE
NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS)
NA CIDADE DE SÃO PAULO
ÇÕES

Material Educativo

INTERSECÇÕES

**NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS) NA
CIDADE DE SÃO PAULO**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Intersecções : negros(as), indígenas e periféricos(as) na cidade de São Paulo : material educativo : Museu da cidade de São Paulo / [organização Museu da Cidade de São Paulo]. -- São Paulo : AEP Serviços Culturais, 2023.

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-998785-3-4

1. Cultura indígena 2. Cultura negra
3. Diversidade cultural 4. Interseccionalidade
5. Movimentos sociais - São Paulo (SP) 6. Negros
7. Povos indígenas I. Museu da Cidade de São Paulo.

23-162354

CDD-306.446

Índices para catálogo sistemático:

1. Diversidade cultural : Sociologia 306.446

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

APRESENTAÇÃO 4

TERRITÓRIOS

Meu espaço somos nós: **13**
pensar um território outro

IMAGINÁRIOS

Imaginário plural: **21**
a identidade paulista em xeque

SUJEITAS

“Lembramos para sermos lembrados” **29**
El dilema del sujeto **31**
O dilema do sujeito **33**
Subjetividade paulistana contra-hegemônica **35**
“Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais **39**
do que a vestimenta?” (Mateus 6:25)

GLOSSÁRIO 41

INVESTIGAÇÕES

Experimentação do espaço a partir da nossa **44**
corporeidade - performance / imagem e ação
Criação de narrativa **49**
Propondo outras curadorias **52**
Exercitando o olhar **55**

FONTE DE PESQUISA 58

FICHA TÉCNICA 60

INTERSECÇÕES - NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS) NA CIDADE DE SÃO PAULO

Em continuidade ao programa de exposições sistêmicas promovido pelo Museu da Cidade de São Paulo, **INTERSECÇÕES - NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS) NA CIDADE DE SÃO PAULO** avança cronologicamente no espaço e na geografia da capital, não somente com o objetivo de iluminar os fazeres destes grupos e reforçar sua importância na vibrante cena cultural da cidade, mas, principalmente, na contramão do projeto nacional de apagamento destas populações e no sentido de reinseri-las enquanto sujeitos protagonistas da historiografia paulistana.

INTERSECÇÕES apresenta um valoroso conjunto de movimentos culturais, artistas, processos e encontros, bem como locais de convivência (e convergência) que, a partir da década de 1980, concomitantemente aos fatores de resistência comum à vida destas maiorias minorizadas, e atuando na interseccionalidade histórica e socialmente imposta às populações negra, periférica, indígena e LGBTQIA+, forneceram elementos não somente para a celebração coletiva, como para a possibilidade de uma “vida comum” em uma sociedade onde o racismo, o sexismo e a homofobia são inseparáveis.

Ainda que o conceito de “cidadão comum” possa endossar, mesmo que inconscientemente, a ideia de que há pessoas “especiais” ou “superiores”, as iniciativas presentes nesta exposição apresentam-se como possibilidades catárticas que

não imputam aos seus participantes e idealizadores o fardo de terem de possuir uma história de superação por serem quem são ou como são. Pelo contrário: para eles, a celebração coletiva é redentora e as diferenças mútuas (e não dominantes), catalisadoras de potencialidades criativas e emancipatórias.

“A periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor”, defende o poeta Sérgio Vaz no *Manifesto da Antropofagia Periférica*. São periferias unidas por um movimento que vai além das subjetividades, como ensina Tiaraju Pablo D’andrea. Um povo que é cria, tem orgulho de pertencer à quebrada e atua politicamente para defender os que nela habitam. Assim ele define o sujeito(a)(e) periférico(a)(e), um novo conceito na sociologia.

A periferia é formada, majoritariamente, por negros e negras, imigrantes e migrantes - e também indígenas - que se interseccionam em movimento. Citando Caetano e Gil, é “a grandeza épica de um povo em formação”. **INTERSECCÕES** pretende explorar esta diversidade trazendo para o Museu da Cidade seus territórios, sujeitos, sujeitas, sujeites e imaginários.

Território, aliás, para o morador de periferia, é lugar de fixação, é o universo que ele enxerga da laje de sua casa. O desenho do território periférico se define pelas relações locais de afeto: os bares, as igrejas e terreiros, o futebol, a feira, os fluxos. Para os negros e negras, a noção de território tem um componente a mais: são espaços de encontros e afirmação de suas identidades, são os bailes black, as rodas de samba, a Estação São Bento do metrô, onde se articulou o movimento Hip hop; a Galeria 24 de Maio, a Feira Preta atualmente.

Os indígenas, por sua vez, entendem o território como espaço demarcado sobre o qual erguem uma nação. É onde estão os guardiões e guardiãs da mata e da tradição do Bem Viver. Terra de encantamento e celebração. A última cachoeira limpa da cidade de São Paulo é preservada pelos guarani da terra Tenondé Porã, em Parelheiros, e sua água está exposta aqui no Museu.

Negros, negras, indígenas, periféricos e periféricas não formam uma massa subalterna e alienada; são sujeitos, sujeitos e sujeitas do tempo e do espaço no qual a história se constrói tijolo por tijolo. A organização política do negro e do periférico tem como base a luta por moradia. Tendo a casa, os demais direitos são conquistados: luz, água, saneamento, asfalto, transporte, educação, saúde.

A cultura também é um direito a ser defendido, mas o povo faz cultura mesmo na ausência do Estado. Pretos, periféricos e indígenas desenvolveram o "nós por nós", a "seviologia" e outras tecnologias sociais e culturais e tendências a partir de uma cosmovisão ancestral. O empreendedorismo é uma invenção das mulheres negras!

As intersecções entre negros, negras, indígenas, periféricos e periféricas habitam o universo simbólico que inspira as artes e a cultura na Metrópole.

Há uma sintaxe periférica e black que elabora expressões como "da ponte pra cá", "cria da quebrada", "é nós que tá", "a rua é nós", "pokazideia". Negros e periféricos criam moda, culinária, música, dança, teatro, cinema e uma literatura das mais vigorosas, que vai de Maria Firmina dos Reis a Thauane

Teodoro, numa linhagem de quase 200 anos de escrita marginal. Os indígenas sabiamente cruzam as tradições milenares com as formas contemporâneas dos “juruá”, num hibridismo cultural instigante, quebrando o paradigma equivocado da aculturação.

Emicida já deu a letra: **“ARTE É OCUPAR!”**

Tudo junto e misturado porque a cultura não é compartimentada, muito menos hierarquizada.

A intersecção saiu da geometria e se fez verbo na periferia.

INTERSECCIONE-SE!

Adriana Barbosa

Nabor Jr.

Eleilson Leite

Curadores

Neste ano de 2023, o Museu da Cidade de São Paulo completa 30 anos de existência. Décadas dedicadas a incorporar em suas ações: os roteiros, as histórias, as obras e as memórias correspondentes ao que é a cidade, bem como registrar os seus impactos, ajuntamentos, cuidados e descasos. E sob a tipologia de “museu de território” [ICOM/UNESCO], vem contribuindo para a discussão e a reflexão quanto ao cenário contemporâneo de seu próprio objeto: a cidade. Portanto, registrar e lidar com percursos diversos, por vezes dolorosos, é parte do compromisso que o Museu da Cidade de São Paulo assume com a memória e a realidade paulistanas.

O núcleo de formação e desenvolvimento de públicos do Museu da Cidade de São Paulo atua, principalmente, no estabelecimento de diálogos ativos com a comunidade que frequenta a instituição, por meio da proposição de ações educativas interessadas em contemplar as diversidades e complexidades dos grupos sociais que habitam a cidade, em atividades mediadoras envolvendo os acervos e exposições e suas múltiplas potencialidades de fruição, na articulação com os atores sociais e instituições presentes nos territórios onde o museu se faz presente, desse modo, fortalecendo as múltiplas vozes e culturas que permeiam as histórias, memórias e construções de São Paulo, reforçando os compromissos ético-políticos que animam a instituição.

O núcleo, ainda, é responsável por aglutinar, transversalmente, todas as unidades da rede ao redor de um projeto político-pedagógico comum, fruto de empenho crítico e coletivo - aberto e em constante disputa - de um conjunto, diverso em suas origens e marcações, de educadores-pesquisadores implicados em ativar os saberes, imagens e sonhos em

trânsito na instituição junto às comunidades representadas nas narrativas constituintes das exposições sistêmicas e temporárias, que tomam lugar nas casas que conformam o museu em seu conjunto polinuclear.

Estruturam as construções de pensamento e prática do núcleo a sua organização ao redor de grupos de trabalho enredados às mais diversas dimensões contemporâneas e cotidianas da realidade da cidade, a saber, a articulação territorial, as questões de raça e gênero, as acessibilidades e o clube de leitura “tramas urbanas”, interessado em promover a palavra escrita como ferramenta interpretativa e criativa acerca da realidade histórica e atual do município - e do mundo.

Desejamos, com este material, potencializar o canal de diálogo entre o núcleo e os trabalhadores dos diversos campos da educação, para que possamos cada vez mais, compreender as necessidades dos âmbitos arte-educativos e fornecer recursos para que o museu possa ser, cotidianamente, um espaço democrático voltado às práticas críticas através de suas proposições e da forma como se apresenta e se pensa a cidade. Sejam, todes, bem-vindes.

Nadia Bosquê

Beatriz Bonifácio

Emilia Maria de Sá

Núcleo de Formação e Desenvolvimento de Públicos

É com grande entusiasmo que convidamos o público a se aventurar pelo material educativo elaborado para a exposição **INTERSEÇÕES – NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS) NA CIDADE DE SÃO PAULO**. A exposição ocorre nas unidades do Solar da Marquesa de Santos e da Casa da Imagem, aberta ao público em 25 de janeiro.

Esse material foi cuidadosamente produzido pelos educadores do Museu da Cidade de São Paulo, exaltando a diversidade não apenas nas temáticas abordadas, mas também na própria forma de pensar e afetar.

Aqui, celebramos a pluralidade de corpos, territórios, formações, áreas de pesquisa e interesses, reconhecendo a importância de diferentes perspectivas para uma compreensão mais inclusiva da história e da cultura.

Segundo Ana Mae Barbosa, a arte educação nos museus permite uma experiência estética e reflexiva que amplia horizontes, desperta questionamentos e promove a emancipação dos sujeitos. Além das contribuições mencionadas, é importante abordar também uma dimensão mais crítica e contemporânea da arte educação nos museus. Nesse sentido, deve ser repensada e contextualizada de forma a reconhecer as histórias, vozes e perspectivas marginalizadas ou silenciadas.

Ao enxergarmos os sujeitos, os territórios e a imaginação periférica, negra e indígena sob outra ótica histórica, abrimos espaço para a fabulação crítica, conceito explorado por Saidiya Hartman.

Essa abordagem nos convida a repensar o passado, o presente

e o futuro, construindo futuros outros, como propõe Walida Marisha, sem que nos esqueçamos de lembrar da importância de manter o amor presente ainda que diante do horror, reforçando a necessidade de relacionar nossas lutas com o afeto e o cuidado.

Na encruzilhada, os caminhos se cruzam, os destinos se entrelaçam e as possibilidades se multiplicam. É nesse ponto de intersecção que encontramos a riqueza da diversidade, a força dos encontros e a potência das trocas. É na encruzilhada que se revelam as vozes silenciadas, as histórias esquecidas e os saberes marginalizados. Que possamos trilhar esses caminhos, explorar essas intersecções e construir juntos um futuro de diálogo, respeito e transformação. (RUFINO, 2019)

Cassandra Moura

Rodrigo Monteiro

Supervisão Arteducação Produções

TERRITÓRIOS

RETE

MEU ESPAÇO SOMOS NÓS: PENSAR UM TERRITÓRIO OUTRO

Alaide Cadima, Frida Córdova, Pedro Pereira

A invenção deste Brasil, antiga América Portuguesa, como alguns a chamam, primeiro como Colônia, em seguida Império e por fim República, num longo e complexo processo de reestruturação de inúmeras formações sociais nativas que aqui já estavam há milhares de anos, contou, dentre outras coisas, com o sequestro e o tráfico massivos de povos africanos para cá, e também dos povos indígenas originários desta terra, de modo que a escravidão foi um elemento onipresente em todas as atividades de trabalho e produção durante este longo período. O território que ora ocupamos, tornou-se lugar de expropriação e sequestro de recursos, testemunhando uma sucessão de reformulações internas para que a subordinação das populações não brancas pudesse vigorar diante das transformações que culminaram com o Estado Moderno.

A ascensão de elites econômicas emergentes ligadas ao café, orientadas por um republicanismo em desenvolvimento, e contrárias aos **ARCAÍSMOS** monárquicos e a centralização do poder nas mãos da Coroa, sobretudo em São Paulo na segunda metade do século XIX, permite a elaboração de um novo projeto de Brasil a partir da aliança desta classe com diversas alas militares.

Ambas orientadas pelas ideias de ordem e progresso oriundas do **POSITIVISMO FRANCÊS**, estas elites provocam um amplo rearranjo político a partir da instauração da República, orientado para a exclusão de grandes parcelas da sociedade

que saíam da escravidão recém-abolida para a liberdade, porém, sem direitos efetivamente adquiridos e assegurados.

A proibição do voto de pessoas não alfabetizadas, a imposição da obrigatoriedade de rendas elevadas para que se pudesse votar, o impedimento à propriedade da terra por parte das camadas empobrecidas, a implementação da chamada lei da vadiagem¹, que dava direito às forças policiais de prenderem pessoas em espaços urbanos caso não tivessem emprego e moradia fixas, foram algumas das estratégias encabeçadas na construção deste novo Brasil. O historiador Marcos Napolitano, em seu curso “História do Brasil Independente”, disponibilizado na íntegra na internet pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, identifica a existência de uma **ARQUITETURA DA EXCLUSÃO** como princípio de orientação política deste estado em nascimento².

Segundo o historiador, é fortemente perceptível a existência de um conjunto de práticas e instituições políticas concebidas para cumprir com o papel de conferir ao espaço da cidade, uma ordem de subordinação das populações não-brancas atualizada no pós-abolição.

Tudo isso para dificultar a possibilidade da população negra liberta, e também indígena, principais alvos deste conjunto

1. Trata-se do decreto-lei 3.688 de 1941 que estipula a vadiagem como uma contravenção penal. Enquadra-se como vadiagem a ociosidade oriunda do não exercício de atividades remuneradas que permitam o sustento de determinada pessoa, prevendo penas de 15 dias a 3 meses para quem for autuado. Informações disponíveis em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/845847-proposta-retira-vadiagem-da-lei-de-contravencoes-penais/>.

2. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=Pw_Te-lxDLY.

de leis, de adquirir autonomia em seus modos de moradia, trabalho, existência e manutenção de suas identidades culturais.

Stella Zagatto Paterniani, cientista social brasileira, pensa o Brasil atual a partir do princípio da **BRANQUIDADE DO ESTADO**, uma espécie de normatização da cultura branca como princípio organizador da sociedade brasileira encabeçado pelas elites políticas e econômicas. Segundo a autora, a branquidade aparece como um traço social próprio de contextos pós-escravistas na busca pela conservação de privilégios, manifestados no direito das pessoas dentro da norma, de acessarem a cidade e exercer suas existências. Logo, o território que nos comporta, torna-se um espaço de disputa na medida que o acesso às várias esferas da cidadania, tais como a participação na política, experiências culturais e de educação, saúde, segurança e trabalho se dá de forma assimétrica a partir da desigualdade atrelada historicamente à diversidade racial e social de povos que compõem este país.

Mas o que constitui um território? Apenas suas demarcações e o potencial de extração de recursos naturais? Pode um corpo, uma fala, uma música ser um território? O que é um território? Expandir esta ideia pode nos ajudar a pensar em quais barreiras estamos inseridos(as) quando se trata de privilégios, ações políticas e porque não, memória? Um possível caminho que podemos seguir é não pensar o território apenas como propriedade material (seja pública ou privada), mas pensar que território pode ser tudo aquilo que dá forma, visibilidade e existência a uma comunidade ou nação.

No documentário **KRENAK: VIVOS NA NATUREZA MORTA**, originalmente reproduzido pelo Canal Futura, é possível acompanhar o cotidiano de pessoas que tiveram sua cosmopercepção³ de seu território devastada, porque nos mostra como o rompimento na barragem do Fundão, propriedade da mineradora Samarco, gerou a morte do Rio Doce, a mais importante bacia hidrográfica da Região Sudeste no país. No documentário é possível observar como a destruição desse território abarcou de maneira dramática toda a vida desse povo.

Os depoimentos se referem ao rio como um parente, alguém que de fato estava vivo e fazia parte daquela família e que agora faleceu. O Rio Doce não era só um território, era também um organizador de rotinas daquele povo, não só para pesca, o rio também era ponto de encontro para brincadeiras de crianças, para as aulas de professores, e até lugar de eventos, como Os Jogos dos Povos Indígenas, onde comunidades indígenas do país todo se encontravam para realizar seus jogos, como uma Olimpíada. Com a morte do rio, muitos desses momentos deixaram de existir, entristecendo, ou como eles mesmos denominam, **DESENCANTANDO** as pessoas que tinham o rio como uma grande entidade, causando assim, estados emocionais de profunda depressão.

Para a cosmopercepção do povo Krenak, um território não pode simplesmente ser substituído, porque tudo que constitui esse lugar, faz parte do ser daqueles que nele habitam.

3. Cosmopercepção, tradução de “world-sense” feita por wanderson flor do nascimento, para este conceito usado pela pesquisadora e professora nigeriana Oyèrónkẹ Oyèwùmí em seu livro *A Invenção das Mulheres*, repensando a popular expressão “visão de mundo” (worldview) questionando assim que a visão não é o único sentido corporal que nos faz perceber o mundo do qual vivemos.

Arturo Escobar, antropólogo argentino, denomina esse modo de existência como **ONTOLOGIA RELACIONAL**, pois o conhecimento cultural, social, histórico, identitário que aquelas pessoas adquirem, só se torna possível porque elas se relacionam com seu território e com tudo que faz parte dele.

Estamos de fato nos relacionando com os nossos ambientes? Respeitando seus limites, ouvindo suas necessidades? Podemos hoje pensar a cidade como um ser que pulsa vida e que pode nos dar respostas ou conhecimentos? Ou estamos tão submersos(as) e iludidos(as) com a ideia de modernização que não conseguimos pensar a cidade apenas como um lugar para prover nossas necessidades e desejos (comer, dormir, trabalhar, consumir e etc)? Questões e reflexões que talvez possam despertar nossa presença nessa cidade cheia de incongruências e quem sabe, criar a partir de nós, uma cidade outra.

Pensando em São Paulo, como a metrópole que é, repleta de complexidades, podemos compreendê-la como uma imensa colcha de retalhos que forma um tecido desigual e potente. A potência reside justamente nessa trama, costurada de muitas variedades pelas linhas da diversidade, gente de todos os lugares, corpos de todas as diferenças. Tudo isso habitando uma gigante cidade concretizada e povoada de nomes indígenas que nos lembram que estamos em terra Guarani, Mata Atlântica, floresta tropical rodeada de rios e diversidade genética natural.

Nessas ontologias, os territórios são espaços-tempos vitais de toda comunidade de homens e mulheres; entretanto, não é apenas isso, mas também o espaço-tempo de inter-relação com o mundo natural que circunda e é parte constitutiva dele.

Contudo, essa diversidade, ainda está longe de ser considerada um elemento potencializador para a produção de uma comunidade igualitária, pois as heranças coloniais racistas imprimem uma distinção hierarquizada dessas diferenças. A concretização de uma sociedade emancipada de suas heranças desiguais requer a garantia ao direito de comunicação conjunta para a produção de um presente/futuro mais justo para as comunidades e territórios marginalizados. É aí que a ação educativa pode ser ativada como experiência de construção de ilhas e territórios/espacos/lugares de resistência. Um bom exemplo destes espaços são as ocupações de moradia/cultura que se espalham por toda paulicéia.

Como nos mostra o texto de Stella Zagatto Paterniani (2016) os movimentos de moradia são dos mais potencialmente criativos na construção dos desejos de uma cidade mais justa. Carlos Aquino observa que movimentos como o MSTC (Movimento Sem-Teto do Centro) são ponte fundamental para o direito à habitação e à vida na cidade.

As ocupações do centro de São Paulo, Mauá, 9 de Julho e Ouvidor, são belos exemplos de construção da resistência, o que por sua vez podem ser vistos como **CONTRANARRATIVAS** urbanas ou ações que caminham para a disputa pelo direito ao espaço de circulação e trânsito, o direito à cidade, o direito de viver, criar e vivenciar a cidade.

Esses espaços podem ser considerados espaços de formação política/cultural/comunitária pois aglutinam em torno de si pessoas diferentes e nos ensinam como se auto-organizar estrategicamente para construir uma COMUNIDADE, ou seja, são espaços que podemos chamar de **CIDADE EDUCADORA**.

Ali não se mora apenas, não é apenas luta por moradia, são espaços comunitários de convivência, experimentações cotidianas de construção do bem comum, do cuidado, do lazer, da cultura. Acreditamos que é nestes termos globais, ou multidimensionais, que a ação educativa deve se pautar ao propor uma reflexão sobre a cidade que queremos e precisamos para o futuro.

EMAGINÁRIOS

RETE

IMAGINÁRIO PLURAL: A IDENTIDADE PAULISTA EM XEQUE

Lucas Xavier e Rafael Pencinato

Sociedades, ou comunidades, não são questões facilmente definidas. Não podem ser explicadas apenas como um apanhado de indivíduos isolados, algo que podemos reconhecer apenas pela soma de suas muitas partes, mas também não são uma totalidade una, um produto acabado o qual podemos dividir na busca do que o constitui.

O que constitui uma comunidade é um debate muito complexo e de certa forma infrutífero. Para o sociólogo alemão Norbert Elias, a questão mais interessante a ser abordada quando estudamos a constituição de comunidades está relacionada às estruturas que dão coesão a elas frente aos indivíduos que a compõem, é, o que ele chama, de uma ordem oculta que une determinados indivíduos em uma comunidade.

É comumente dito que as comunidades afro-brasileira, ou afro-atlântica, e indígena-brasileira contemporâneas são comunidades fundadas num Trauma, seja ele o da escravidão, do deslocamento forçado de seus territórios originários, do genocídio de seu povo, da perseguição do seu modo de viver. Esses vários possíveis traumas têm em comum o fato de causarem o apagamento da história desses grupos, o apagamento de referenciais de seu passado que davam coesão a suas comunidades anteriormente a esse Trauma, sejam esses referenciais sociais, religiosos, culturais, imagéticos, etc.

Essa é uma questão tão importante na formação dessas comunidades que o filósofo estadunidense Cornel West costuma se referir a ela como **CATÁSTROFE**. Ele nota que em face a essa **CATÁSTROFE** há um renascimento, dela surge o novo, surgem novas formas de se relacionar, surgem novas identidades, novos laços, novas comunidades com novas estruturas que lhe dão coesão frente aos indivíduos que se vêm inseridos nelas, surgem, portanto, toda uma nova ordem de símbolos, signos e imagens pelas quais esses indivíduos se reconhecem como pertencentes a essas comunidades.

**Esses entre-lugares fornecem
o terreno para a elaboração
de estratégias de subjetivação
- singular ou coletiva - que
dão início a novos signos de
identidade e postos inovadores
de colaboração e contestação,
no ato de definir a própria ideia
de sociedade.**

**H
O
M
I
B
H
A
B
H
A**

Paul Gilroy, sociólogo inglês, em seu trabalho sobre identidades culturais da diáspora negra nota que entre as pessoas escravizadas trazidas às Américas, de povos, origens e culturas tão diversas, surgem novas organizações sociais, baseadas no passado comum às pessoas que passaram pela experiência traumática, de onde virá uma noção de continuidade para essas novas comunidades, lhes permitindo reconhecer e enfrentar essa **CATÁSTROFE**.

Justamente por essas múltiplas origens pré-catastróficas que tais comunidades trazem tantos elementos sincréticos, se organizam e se apresentam de maneira heterogênea.

Mostra-se, portanto, muito difícil traçar suas origens específicas. Elas são, desde o início do processo de colonização das Américas, incluindo, claro, do território que viria a ser o Brasil atual, comunidades formadas com base na opressão física, mas também numa opressão ideológica, na exclusão de certos indivíduos da comunidade hegemônica central, de origem branco-europeia.

Fosse no Brasil Colonial, durante o Império, ou após a proclamação da República, as comunidades e culturas afro-brasileiras e indígena-brasileiras se organizaram à margem da comunidade que controlava a vida social, econômica, religiosa e política do território, se organizaram enquanto comunidades marginalizadas, periféricas, como um “Outro” frente ao “Eu” hegemônico.

Nesse confronto com uma cultura central hegemônica, o sujeito marginalizado é constantemente negado de sua especificidade, sua cultura não é considerada válida porque foge ao que é tido como norma pelas elites dominantes, ou tem

sua identidade reconhecida na negação de seu pertencimento à cultura hegemônica, sua cultura só é reconhecida como sendo justamente exterior à norma, sua cultura não faria parte do que poderia ser considerada uma cultura nacional brasileira.

**Sem um passado negro e
sem um futuro negro, foi-me
impossibilitado existir a minha
negraria. Sem que me tivesse
tornado branco, já não era mais
propriamente negro, eu era um
condenado.**

**F
R
A
N
T
Z
F
A
N
O
N**

No caso de São Paulo, a construção da identidade Paulista se deu de acordo com um projeto de modernização, que tinha como um de seus pilares a ideia de embranquecimento da população, sob os auspícios do racismo “científico” do século XIX e sintomático de uma sociedade que foi a última das Américas a abolir a escravidão. Esse mesmo projeto irá impulsionar uma identidade nacional moderna nesses mesmos moldes, tendo São Paulo como protótipo de cidade moderna e modelo de desenvolvimento a ser seguido.

Elementos da identidade indígena são instrumentalizados na construção do imaginário que serve como mito fundante da identidade paulista, no caso da figura do Bandeirante (o mestiço paulista por excelência), mas apresentando em si uma estratégia de embranquecimento, mesmo que a princípio possa parecer algo paradoxal. Enquanto estratégia, o Bandeirante incorpora um ideal de “pureza” do tipo paulista, uma miscigenação entre o “Eu” português e elementos do “Outro” marginal, mas uma miscigenação desejável, em oposição a miscigenação indesejada: a que envolve o elemento negro.

Essa mistura entre elementos europeus e indígenas que era exaltada na figura do mestiço Bandeirante acabará, a longo prazo, por apagar o elemento indígena presente nesse personagem. A iconografia do Bandeirante o apresenta como branco europeu e o imaginário em torno do sertanista evoca o caráter industrioso, aventureiro e heroico do paulista, ignorando origens possivelmente indígenas dessas características.

Dessa forma, vemos que o “Eu” marginalizado se forma de fora, pela exclusão de tudo que o “Eu” hegemônico engloba. Essa confusão causa no sujeito marginalizado o que W.E.B. Du Bois, importante estudioso estadunidense da virada do século XIX para o XX, chama de **DUPLA CONSCIÊNCIA**.

Seguindo sua teoria, uma das consciências do sujeito marginalizado seria baseada na cultura hegemônica, que lhe é constantemente bombardeada pela história oficial, pela religião oficial, pelos heróis nacionais, pela grande mídia e todas imagens por ela veiculadas, que constantemente

rejeitam suas particularidades; a outra consciência se basearia em sua comunidade, na sua sociabilidade, na sua música, na sua religião, nos seus heróis, nas imagens que circulam entre os seus, reforçando a sua particularidade. É baseada nessa confusão interna que o famoso escritor anticolonial Frantz Fanon forma seu conceito de **MÁSCARA BRANCA**, entendendo esse fenômeno quase como uma psicopatologia causada pelo colonialismo no homem negro, mas que pode ser estendida a outros sujeitos marginalizados.

Tendo em vista o contexto exposto acima em relação à experiênciadotráficoatlânticoe como esse processo tende a conformar o imaginário dos povos da diáspora; da maneira como a catástrofe da colonização conforma o imaginário dos povos indígenas; e por último, da maneira como o imaginário paulista irá se conformar em oposição à diversidade, a partir do pressuposto hegemônico de pureza. A partir disso, a ideia de São Paulo como uma cidade fragmentada, cindida – onde a relação entre centro e periferia se dá de maneira complexa – se apresenta como uma possível solução. Nesse sentido, podemos pensar um certo cosmopolitismo como resposta à ideia fracassada de modernidade.

A produção artística dessas comunidades marginalizadas operaria na forma de uma produção contracultural, desse modo sua produção atuaria como uma contracultura face à cultura hegemônica. Em se tratando da obra de arte enquanto objeto de síntese, e, em última instância, desse imaginário dos sujeitos marginalizados, o que interessa é: o que essa arte é capaz de fazer; o que ela pode operar e o que ela não pode.

Do ponto de vista formal, nos parece que uma obra de arte é bem sucedida quando consegue subverter uma iconografia brasileira que elegeu o imaginário fundado em ideais de branquitude como aquele digno de ser representado. Neste ponto, é possível, segundo nos ensina Paul Gilroy, revelar as fissuras ocultas no conceito de modernidade.

A São Paulo de hoje vem se apresentando cosmopolita, multifacetada, com um cenário artístico pulsante e que vem se pensando à luz da diversidade dos agentes e dos discursos, apesar dos limites dessa inclusão e da resistência que o próprio sistema das artes - como um campo inserido no resto da sociedade, embora haja a pretensão de não o ser - impõe.

Em suma, essa cidade é palco de disputas e, embora um objeto de arte não seja um manual de revolução, nos dá o que pensar, nos ajuda a vislumbrar futuros viáveis, além de nos permitir um exercício, também imaginativo, de reconstruir laços que poderiam ter existido, formas de organização do pensamento e associações novas e ousadas, que incluam, por sua vez, a complexidade do mundo que vivemos hoje e que o ideário da modernidade limitador não abarca.

SUJEITAS

STEF

“LEMBRAMOS PARA SERMOS LEMBRADOS.”

Alaide Cadima

“Lembramos para sermos lembrados.”, minha filha. Me o disse o senhor no ponto de ônibus, enquanto olhava para um cartaz do outro lado da rua. Era a foto de um grupo de samba anunciando um show que aconteceria no bairro na semana que vem.

Havia contado a ele que esqueci da voz da minha avó e que por mais que eu tentasse encontrar a voz dela em alguma outra garganta na cidade que hoje faz parte da minha vida, nada me soa familiar. Eu lembro do que ela falava, eu lembro do que ela comia, eu lembro do que ela limpava em casa, eu lembro do que ela ouvia na tv, mas, sua voz... Ao ouvir a frase que o senhor recitou como se estivesse diante de 200 pessoas, lembrei de um poema que dizia que a gente é o que a gente esquece. Me tornei a voz da minha vó?

**Dizem que os mortos querem
sempre falar com a gente,
basta eles se sentirem ancorados
em algum mensageiro
que a mágica acontece.**

Um enigma. Os mortos não são pragmáticos. Suas mensagens levam tempo para serem decodificadas. Me tornei uma mensageira? Por que? Para quê?

Eu lembro quando minha vó me disse que meninos tinham sido feitos para nos fazer sorrir e se eu estava chorando, era porque o menino tinha saído errado na hora da feitura. Sim, a culpa não era minha. E então ela dizia, "Procura outro menino, menina!". Queria lembrar o tom que ela usava pra falar isso...

"E você procurou?", perguntou-me o senhor. E eu ri, de uma maneira que só quem já sofreu muito por amor tem o poder de rir assim.

Hoje também sou todos os amores que teve fim. Cada música que marcou o fim, cada doce que eu comia para esquecer o fim, cada poeta que me ajudou a entender o fim, cada gole de saquê que eu tomei para aceitar o fim. Não é fácil ser aquilo que rejeitaram em você. Mas, há quem diga que é aí que começa a ficar bom de verdade, liberdade para ser... "Concordo!", disse o senhor, "E pare de procurar a voz da sua vó! Já percebeu como a sua é mais bonita?". Encarei o senhor como se eu tivesse recebido uma bronca por ter roubado o pacote de salgadinho do coleguinha do lado e perguntei: "E como é que você sabe?".

A gente nunca sabe o que sabe. A gente supõe, inventa, reinventa, conta para os outros pra nos sentir um pouco validados, coloca em papel pra causar boa impressão, discute, repensa, distorce, transforma, projeta, queima, indaga, simboliza, ancestraliza, magnetiza, promete e torce para que faça sentido.

Enquanto eu pensava tudo isso, o senhor olhava novamente para o cartaz e como se estivesse me ouvindo divagar, coçou a cabeça, olhou pro céu, percebeu que o ônibus que ia pegar estava próximo e lançou sua última frase como se estivesse tirando uma carta de tarot.

“Porque a sua já é uma continuação da sua avó, o ontem, o hoje e o amanhã.”

EL DILEMA DEL SUJETO

Frida Córdova

Existen muchos abordajes cuando hablamos de la conformación del sujeto como parte de la sociedad, tales abordajes pueden ser tratados por diferentes enfoques teóricos, sociológicos y psicológicos. En este sentido, el sujeto concebido como sujeto es aquel individuo que busca encontrar su lugar en el mundo, de donde se hace necesario para este encuentro moverse, salir de su zona de confort e inmigrar.

El sujeto social tiene que seguir reglas que le son impuestas por la sociedad para garantizar que las relaciones sociales sean lo más tranquilas posibles, con una sustentación ética, moral y de valores, orientándose de modo que sus relaciones están inmersas en el camino de lo “correcto”. Siendo así, los contextos social e histórico ejercen un papel importante y serán ellos que determinaran parte de estas relaciones, siendo de ese modo entendido que no apenas la ética debe estar presente en el sujeto, hay factores que llevan esa idea de un sustrato ético se torna un dilema.

¿Existe la posibilidad de un sujeto sin un soporte ético? ¿Y cuánto influencia el contexto y la historicidad en las relaciones sociales? ¿En qué contexto un elemento puede impedir la conformación de un sujeto libre en su máxima expresión? ¿Y, por último, podemos vivir juntos?

El tiempo, el contexto y la historia (procesos históricos) son fundamentales para entender al individuo. El sujeto no es un individuo estático, él es cambiante a través de su contexto, lo material es el eje que conduce a la realidad.

Lo fundamental del pensamiento del filósofo alemán del siglo XVIII, Friedrich Hegel, será la dialéctica, vista como un método para llegar a un concepto absoluto, un movimiento donde un objeto (tesis) parte para ser su contradicción (antítesis), retornando a su propia identidad, que carga esa oposición en sí misma (síntesis). Un conocimiento que se obtiene a través de un proceso histórico, donde las relaciones de dominación, la lucha de contrarios y el poder son elementos que, cuando actúan sobre el individuo, van a impedirlo de concebirse solamente como sujeto libre.

La dialéctica del señor y del esclavo presenta casi una relación de interdependencia, donde el señor no puede existir completamente separado del esclavo, y viceversa, uno funcionando como tesis y otro como antítesis, de la relación entre ellos como síntesis.

Este ejemplo no está distante de la realidad actual, ya que en las relaciones sociales hay siempre una parte que domina y la otra que es dominada. Por tanto, el sujeto no puede concebirse libre de las relaciones sociales, es necesario que el

sujeto pase por un proceso y regrese a su propia historia, para poder llegar al conocimiento y poder comprender el camino para su libertad.

Si analizamos el sujeto en el contexto contemporáneo, podemos decir que los sujetos son sometidos por razones de índole política, econômica e social, por ejemplo, las sociedades migrantes, que cargan con los problemas internos de sus lugares de origen, encontrándose así imposibilitados de llegar a su destino, no porque no quieran, más porque no son dueños absolutos de su propia libertad.

O DILEMA DO SUJEITO

Frida Córdova - Tradução: Rafael Pencinato

Existem muitas abordagens quando falamos da conformação do sujeito como parte da sociedade, tais abordagens podem ser tratadas por diferentes enfoques teóricos, sociológicos e psicológicos. Neste sentido, o sujeito concebido como sujeito é aquele indivíduo que busca encontrar seu lugar no mundo, de onde se faz necessário para este encontro se deslocar, sair de sua zona de conforto e imigrar.

O sujeito social tem que seguir regras que lhe são impostas pela sociedade para garantir que as relações sociais sejam o mais tranquilas possíveis, com uma sustentação ética, moral e de valores, orientando-se de modo que suas relações estejam imersas no caminho do "correto". Sendo assim, os contextos social e histórico exercem um papel importante e serão eles que determinarão parte destas relações, sendo desse modo

entendido que não apenas a ética deve estar presente no sujeito, há fatores que levam essa ideia de um substrato ético a se tornar um dilema.

Existe a possibilidade de um sujeito sem um suporte ético? O quanto influencia o contexto e a historicidade nas relações sociais? Em que contexto um elemento pode impedir a conformação do sujeito livre na sua máxima expressão? E, por último, podemos viver juntos?

O tempo, o contexto e a história (processos históricos) são fundamentais para entender o indivíduo. O sujeito não é um indivíduo estático, ele é fluido através de seu contexto, o material é o eixo que conduz a realidade.

O fundamental do pensamento do filósofo alemão do século XVIII, Friedrich Hegel, será a dialética, vista como um método para chegar a um conceito absoluto, num movimento onde um objeto (tese) parte para ser sua contradição (antítese), retornando à sua própria identidade, que carrega essa oposição em si mesma (síntese).

Um conhecimento que se obtém através de um processo histórico, onde as relações de dominação, a luta de contrários e o poder são elementos que, quando atuando sobre o indivíduo, vão impedi-lo de conceber-se somente como sujeito livre. A dialética do senhor e do escravo apresenta quase que uma relação de interdependência, onde o senhor não pode existir completamente separado do escravo, e vice-versa, um funcionando como tese e outro como antítese, e a relação entre eles como síntese.

Este exemplo não está distante da realidade atual, já que nas relações sociais há sempre uma parte que domina e outra que é dominada. Portanto, o sujeito não pode conceber-se livre das relações sociais, é necessário que o sujeito passe por um processo e regresse à sua própria história, para poder chegar ao conhecimento e poder compreender o caminho para sua liberdade.

Se analisarmos o sujeito no contexto contemporâneo, podemos dizer que os sujeitos são submetidos por razões de índole política, econômica e social, por exemplo, as sociedades migrantes, que carregam com si os problemas internos de seus lugares de origem, se encontrando assim impossibilitadas de chegar ao seu destino, não porque não queiram, mas porque não são donos absolutos de sua própria liberdade.

SUBJETIVIDADE PAULISTANA CONTRA-HEGEMÔNICA

Lucas Xavier

Se imaginarmos um sujeito hipotético da periferia da cidade de São Paulo, podemos pensar na maneira como a subjetividade desse sujeito é conformada a partir de conceitos como o de vivência que, por sua vez, implica uma ética, uma estética e uma poética. A comunidade imaginada no sujeito. A vivência tem duas dimensões, uma individual, outra coletiva. A partir de uma ideia de coletividade (palavra-chave nas quebradas) os sujeitos forjam sua própria subjetividade, apesar de tudo. No sujeito está a síntese, o sujeito processa e organiza elementos díspares num todo coerente, o amálgama das referências e

sentimentos diversos: a complexidade humana. Em relação ao sujeito marginalizado, o que organizaria essa coerência que nos sujeitos, de maneira geral, é sempre difusa e de difícil apreensão? No caso que nos interessa, é importante pensarmos na política de corpos segregados, na política de racialização do mundo e também na política colonialista. Somado a isso, podemos pensar na experiência que é viver na cidade de São Paulo, cidade desigual do ponto de vista do urbanismo, social e econômico.

Quando falamos do sujeito convém evocar, por meio de trajetórias individuais (vivências), questões a serem levantadas em relação a certa subjetividade que nos interessa mais, pensando na exposição **INTERSEÇÕES: NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS) NA CIDADE DE SÃO PAULO** o sujeito urbano que foi posto à margem; também é preciso pensar no contexto formador desses sujeitos. Ta-Nehisi Coates, jornalista e autor estadunidense, em seu livro 'Entre o mundo e eu', escreve sobre sua experiência como adolescente em uma cidade (Baltimore) deflagrada pela violência. Para o escritor, nem as ruas nem a escola ofereciam uma saída pra um jovem negro naquele contexto. Quando ingressou na Howard University, uma universidade negra, Coates encontrou uma alternativa às ruas e à escola, uma saída via cosmopolitismo¹. Em suas palavras: "através da Meca percebi que éramos, em nossa própria política de corpo segregado, cosmopolitas. A diáspora negra não era somente nosso próprio mundo, mas, de muitas maneiras, o próprio mundo ocidental."

1. **cosmopolitismo:** 1 Característica ou qualidade do que é cosmopolita. 4 **FILOS** Doutrina que prega a universalidade e a extinção das fronteiras nacionais, alegando que a pátria de todos os homens é o Universo. **cosmopolita:** 5 Diz-se de algo que ocorre em todos os continentes ou em todas as águas dos diversos oceanos.

Nesse sentido, os modos de pensar e de se organizar coletivamente a partir de uma ideia de diversidade cultural, fundamentam também uma ética individual. Se a princípio o autor se encantou por uma imagem unívoca e romântica do continente africano, ao conhecer a 'Meca' irá se deparar com a multiplicidade dos povos da diáspora, sendo que o que os une é a catástrofe: escravidão e colonialismo.

No documentário sobre os Racionais MC's ('Racionais: das ruas de São Paulo pro mundo'), Mano Brown diz que a viagem do Capão até o centro da cidade era como sair das trevas para a luz, como se o centro fosse pra ele o que é o Harlem para os negros dos Estados Unidos. Da relação estabelecida com os intelectuais engajados até se tornarem os "porta-vozes" da quebrada, o cantor também vai passar pelo desencantamento.

A visão romântica da cidade e do senso de missão vai ceder espaço para a complexidade do contexto local, da própria cidade, uma vez que aqui não é como lá, estamos na periferia do Capital. Durante esse processo de construção da subjetividade, mais importante do que saber o que fazer, é saber o que não fazer.

Assim, o mundo que se abre a partir das imagens e do imaginário aqui presentes é, antes de tudo, uma abertura que se oferece como repertório para a construção da subjetividade periférica a partir de uma construção coletiva do sujeito, rota para a emancipação: individual e coletiva.

A ética que se forja a partir do momento em que se dá conta da diversidade, terá que lidar daí por diante com as contradições, sempre de modo a tentar manter a coerência, se reexaminando criticamente e reelaborando formalmente o discurso. Se o Rap enquanto linguagem tem um papel fundamental na trajetória da construção do sujeito urbano paulistano, não está isento desse processo árduo de formação que tem duas dimensões, uma comunitária e uma particular. A ideia de um cosmopolitismo nesses termos visa um horizonte amplo que tem como meta a igualdade na diferença, de modo que sujeitos emancipados possam construir uma coletividade a partir de ações questionadoras e de um pensamento crítico.

**“NÃO É A VIDA MAIS DO QUE O ALIMENTO,
E O CORPO MAIS DO QUE A VESTIMENTA.”
(MATEUS 6:25)**

Rafael Pencinato

Um dos eixos da exposição **INTERSECÇÕES – NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS) NA CIDADE DE SÃO PAULO** vai se debruçar sobre o **SUJEITO**, sobre o tornar-se **SUJEITO**, mas afinal, o que é um **SUJEITO**? O que define o **SUJEITO** é o corpo que se habita? É a roupa que se veste?

Nasce-se **SUJEITO**? Já formado, com suas particularidades únicas, completamente isolado, ou ao menos isolável, de todos os outros sujeitos? Um universo particular que por vezes se cruza com outros, por vezes não?

Ou o **SUJEITO** é criado pelos outros, pelo mundo externo? Nasce-se uma folha em branco que será preenchida pelos que estão à sua volta, por todos outros sujeitos que existem e já existiram?

Muitos já buscaram tal resposta, muitos fracassaram em encontrar uma que fosse consenso, provavelmente porque ambos caminhos são muito reducionistas para serem capazes de dar conta da complexidade que é um **SUJEITO**.

Tornar-se **SUJEITO** é um processo constante e interminável, talvez seja essa a marca da condição humana, essa eterna busca pela identidade própria. Talvez o sentido da vida seja a busca de dar sentido à vida, talvez o que constitui um **SUJEITO** seja a busca por constituir sua identidade.

Como seres sociáveis, o ser humano não existe sem suas comunidades, nas quais se reconhece, as quais o formam ao mesmo tempo que são formadas por ele. Mas como ser autoconsciente, de raciocínio individual, o ser humano necessita de encontrar o que o diferencia de todos os demais, o que garante que ele seja ele mesmo e não apenas um reflexo de um outro alguém.

É justamente para essa questão que todo um eixo da exposição vai se direcionar, para iniciativas artísticas surgidas em São Paulo que sedimentam subjetividades às quais indivíduos irão, ou não, se reconhecer, nesse eterno processo de tornar-se **SUJEITOS** de si próprios.

GLOSSÁRIO

ARCAÍSMO

Conjunto de práticas, ideias e ou instituições oriundas do passado, mas que vigoram no tempo presente de maneira incompatível com as dinâmicas sociais, culturais e econômicas atuais. Popularmente significa aquilo que tornou-se “antiquado”, arcaico.

CIDADE EDUCADORA

Em 1990, no primeiro Congresso Internacional de Cidades Educadoras, em Barcelona, uma série de educadores, pesquisadores e professores de várias cidades, se uniram para criar um programa para nortear a criação de cidades educadoras, nas quais, se pensam políticas públicas para o processo de urbanização das cidades.

COSMOPOLITISMO

1. Característica ou qualidade do que é cosmopolita. 2. Doutrina que prega a universalidade e a extinção das fronteiras nacionais, alegando que a

pátria de todos os homens é o Universo cosmopolita: 3. Diz-se de algo que ocorre em todos os continentes ou em todas as águas dos diversos oceanos.

CONTRACULTURA

Cultura de grupos minoritários que se caracteriza por um conjunto de valores, normas e padrões de comportamento que se colocam em contradição frontal àqueles da sociedade dominante.

CONTRANARRATIVA

Uma contranarrativa é uma forma de discurso ou narrativa alternativa que desafia ou contesta a narrativa dominante ou hegemônica sobre um determinado assunto. Enquanto a narrativa dominante é geralmente aceita como verdadeira ou válida pela maioria das pessoas, a contranarrativa oferece uma perspectiva diferente, muitas vezes destacando pontos de vista marginalizados, negligenciados ou oprimidos.

DESENCANTAR

Para o Dicionário Priberam, as definições são: 1. Quebrar o encanto de. 2. Descobrir, achar (coisa muito escondida ou abandonada em sítio escuso). 3. [Figurado] Tirar a ilusão a. No entanto, para os indígenas amazônicos, o encantamento e o desencantamento também estão relacionados às almas dos seres e das coisas. Um corpo que adoece, um rio que seca, uma árvore que morre, estão passando por processos de desencantamento.

DIÁSPORA

Dispersão de povos, por motivos políticos ou religiosos.

DIÁSPORA NEGRA

A diáspora negra é o resultado do tráfico transatlântico de escravizados, que levou milhões de africanos para além do continente africano. Essa dispersão forçada da população africana resultou em comunidades negras em diferentes partes do

mundo. No entanto, a diáspora negra não pode ser compreendida apenas como uma consequência histórica, mas como um legado vivo do colonialismo e da opressão. É um fenômeno que carrega consigo as marcas do racismo, da desumanização e da exploração sistemática.

ICONOGRAFIA

Conjunto de imagens relativo a determinado assunto.

MARGINALIZADO

Refere-se a indivíduos ou grupos que são excluídos, desfavorecidos ou negligenciados nas estruturas e nas normas sociais dominantes. Os marginalizados são aqueles que ocupam posições de desvantagem, muitas vezes devido a fatores como raça, etnia, gênero, orientação sexual, religião, deficiência, classe social ou outras características que são consideradas diferentes da norma estabelecida.

ONTOLOGIA

Ontologia é um ramo da filosofia que estuda a natureza da realidade e a estrutura fundamental do ser. Ela busca compreender a existência, a essência e as categorias de ser e como essas entidades interagem entre si. A ontologia na antropologia envolve uma análise das concepções locais de ser, existência e agência, levando em consideração as diferentes cosmologias, sistemas simbólicos e perspectivas culturais. Ela destaca que as visões de mundo não são universais, mas construídas socialmente e influenciadas por fatores históricos, culturais e contextuais.

ONTOLOGIA RELACIONAL

A ontologia relacional proposta por Arturo Escobar busca superar as divisões e dualismos da modernidade, como natureza versus cultura, sujeito versus objeto, e valoriza uma compreensão interconectada da realidade. Essa abordagem busca promover uma visão mais integrada e

sustentável do mundo, que leve em consideração as complexas relações entre os seres humanos, a natureza e as demais entidades.

POSITIVISMO FRANCÊS

Trata-se de uma corrente de pensamento que surge no início do século XIX entre a intelectualidade francesa, ganhando espaço em distintos países ao longo do tempo. Um de seus princípios fundamentais é a crença no saber científico obtido através da razão como elemento ordenador da realidade.

SERTANISTA

Pessoa que no passado percorria o sertão em busca de riquezas ou para submeter povos indígenas que reagiam à colonização; bandeirante.

INVESTIGAÇÕES



Experimentação do
espaço a partir da
nossa corporeidade
- performance /
imagem e ação

Um **CORPO** cabe em
quantos lugares?

Quantos **CORPOS**
cabem em mim?

Partindo da ideia do nosso corpo como território (SOUZA, 2022) e também como espaço a ser conquistado, e entendendo que através de uma observação crítica do meio em que vivemos e/ou experienciamos, podemos também repensar, ressignificar e recriar novas possibilidades de existência e resistência. A seguinte proposta nos instiga a, ao fazer esse exercício de observação, colocar nossas percepções como produção de conhecimento e assim gerar um pensamento autônomo sobre seus corpos, ocupando-os e abrindo trilhas para conquistar novos espaços.

PROPOSTA 1

A. Divida os estudantes em grupos para que possam escolher uma imagem que majoritariamente tenha pessoas. Instigue uma investigação desses corpos presentes na primeira foto escolhida, ou seja, junto aos educandos, procurar pequenas pistas sobre o que tal foto pode estar nos dizendo.

Exemplo de perguntas:

Esses corpos demonstram algum sentimento, emoção ou sensação, como angústia, prazer ou dor? ➤

Esses corpos estão se divertindo? ➤

Esses corpos carregam alguma memória? ➤

Esses corpos possuem alguma crise? ➤

B. Após essa primeira investigação, pedir aos grupos para escolherem uma segunda imagem, focando apenas no espaço exposto daquela imagem. Continuar com o mesmo processo de investigação sobre o lugar.

Exemplo de perguntas:

Esse espaço é grande ou pequeno? ➤

Esse espaço parece ser privado ou público? ➤

Esse espaço foi construído por alguém? ➤

C. Agora, faremos um exercício de imaginação e investigação. Peça aos grupos para deslocarem as pessoas da primeira imagem para o espaço da segunda imagem. E assim, investigar. Exemplo de perguntas:

É possível inserir os corpos da primeira imagem na segunda imagem ➤

O que mudaria nesses corpos ➤

O que mudaria nesses espaços ➤

Um corpo pode desaparecer de acordo com o espaço ➤

Como um corpo tensionado ocupa um espaço de lazer ➤

É possível um corpo ser um território autônomo (SOUZA, 2022) ➤

PROPOSTA 2

Espalhar as imagens no chão para que os estudantes possam observá-las com tranquilidade e atenção.

A. Peça para os estudantes, individualmente, escolherem mentalmente uma das imagens que está exposta.

B. Divida o grupo em duplas ou trios. E peça para que as duplas ou trios, conversem sobre suas imagens escolhidas pensando na disposição dos corpos de cada imagem.

O que elas mais acharam interessante ➡

O que as incomodou e por quê ➡

Se elas se identificaram como os corpos nas imagens e etc.

C. Após a primeira conversa, sugerir aos grupos divididos que recriem essas imagens em seus corpos através de uma **fotocena***. Aqui, as pessoas podem inclusive, ao recriar essas fotografias, mudar algo que elas gostariam, mas que continuem dialogando com as imagens escolhidas.

***Fotocena** ou teatro de imagem (PAVIS, 2008) é um exercício para criação de narrativas, onde imagens estáticas podem ser encenadas de acordo com o tema proposto, algo como uma brincadeira de estátua, porém envolvendo maior contexto, educandos e situações. Esse formato de teatro está sendo sugerido por se aproximar mais do suporte das imagens espalhadas no chão (fotografias), ou seja, imagens sem movimento. No entanto, a pessoa educadora tem a liberdade de poder usar outros formatos, como performance, esquete, cena, ato, intervenção e etc.

INVESTIGAÇÕES



Criação de Narrativa

Considerando as obras presentes no material educativo que você tem em mãos, reproduzidas a partir da exposição **Intersecções: negros(as), indígenas e periféricos(as) na cidade de São Paulo**, podemos perceber que muitas delas não são montagens preparadas em estúdios, idealizadas ou ensaiadas para serem registradas, elas são, em sua maioria, imagens do cotidiano do sujeito periférico, são imagens de trabalho, de lazer, de celebrações, etc.

A seguinte proposta busca suscitar a discussão acerca do que torna tais registros passíveis de musealização, do porquê esse instante, dentre uma infinidade de outros que o antecederam e o sucederam, foi eternizado numa exposição do Museu da Cidade de São Paulo.

PROPOSTA

Propomos um exercício que pode ser feito individualmente ou em grupos, embora acreditamos que o exercício em grupo seja mais potente, pois a discussão para sua realização só tem a enriquecê-lo.

Tal exercício consiste na criação de uma possível narrativa para a imagem selecionada, seja ela de um dos cartazes ou dos cartões presentes no material. Essa narrativa pode ser sobre a pessoa retratada, sobre o autor da imagem, sobre o local retratado.

1. Etapa

Divida os estudantes em grupos de até 5 pessoas e peça que escolham uma imagem. Defina um tempo para que alguns questionamentos a respeito do que está retratado sejam elaborados.

Questões como:

Quem é essa pessoa?

Onde ela nasceu e cresceu?

Como foi seu dia até esse momento?

E depois dele?

Como ela chegou a esse local? ➤

Que lugar é esse? ➤

O que ele era há 10 anos? ➤

E há 100 anos? ➤

Como será no futuro? ➤

2. Etapa

Passado esse primeiro momento, é interessante que além dessas narrativas serem externalizadas para o restante do grupo, que sejam também expostos quais elementos das imagens, ou quais conhecimentos fora dela, levaram à criação dessa narrativa. Acreditamos que esse processo de criação de narrativa, além de fornecer ferramentas para enriquecer práticas de leitura de imagem, nos ajude a refletir sobre o nosso próprio cotidiano, o que fazemos, como fazemos, onde fazemos e porque fazemos.

INVESTIGAÇÕES



Propondo outras curadorias

Pensando que o museu é, inevitavelmente, uma zona de contato na qual surgem percepções distintas sobre o que nos cerca, nos colocamos diante da possibilidade de aproximação e afastamento, de convergência e divergência por parte dos variados públicos que ocupam este lugar. Coisa parecida é o que acontece nos vários contextos do cotidiano, guardadas as devidas proporções, e por isso precisamos pensar em meios e caminhos possíveis para evidenciar essas (des)identificações, seja sobre arte, política e o que mais possamos imaginar.

Com o intuito de traçar novas curadorias tendo por base as características próprias do grupo, e tendo como objeto as intersecções culturais que atravessam a nossa sociedade, esta proposta é pensada para nutrir novas formas de nomear as coisas, presentificar visões e dar significado a elas possibilitando às pessoas novas competências de falar, de narrar e apresentar o mundo a partir daquilo que pulsa de modo mais forte. Com esta ação buscamos um rompimento com a hierarquização dos saberes acadêmicos especializados e institucionalmente constituídos, de modo que a construção conjunta em ambientes não acadêmicos passa a compor também o rol de perspectivas e entendimentos sobre os bens culturais difundidos na sociedade.

PROPOSTA 1

A. Para um primeiro momento sugerimos uma breve contextualização acerca dos conceitos que estruturam o material educativo: imaginário, sujeito e território. A depender do referencial do grupo, esta discussão pode ser feita com variados níveis de profundidade.

B. A partir daí, com o grupo reunido, apresente os cartazes em papel A3 de modo que todas as pessoas possam ver. Colocá-los na lousa ou em uma mesa central pode funcionar. Convide 3 pessoas para perto, sugira que observem os cartazes A3 por alguns minutos.

Observe que cada uma das folhas A3 contém imagens da exposição, a ideia é que cada folha possa representar cada um dos conceitos abordados, "território", "sujeito" e "imaginário", porém deixando a abertura para variadas interpretações.

C. Peça para que cada uma das 3 pessoas, de maneira individual, elabore uma hipótese para identificar qual cartaz A3 representa cada conceito. A ideia é que não existe uma única possibilidade.

D. Tendo elaborado as hipóteses, peça para que comuniquem ao restante do grupo suas conclusões. Ao final desta etapa, o grupo como um todo irá decidir qual apresentação trouxe a explicação ou a hipótese mais bem articulada para identificar cada cartaz. Isso pode ser feito através de uma votação, ou de aplausos, indo do mais fraco ao mais forte.

Com esta tarefa concluída vamos à próxima.

PROPOSTA 2

A. Disponibilize os cartões A5 com as imagens da exposição viradas para baixo em um local centralizado. Em seguida, divida o grupo em partes menores de 4 a 6 pessoas. Distribua os cartões A5 entre as partes de modo que a quantidade de cartões por grupo seja semelhante, o ideal é que o total de grupos seja um número par para permitir melhor divisão.

B. Quando todos estiverem com suas imagens dos cartões A5 peça para que cada grupo decida conjuntamente, qual dos três conceitos são mais compatíveis com cada imagem.

C. Quando tiverem concluído a relação entre as imagens e os conceitos, disponha os 12 cartões a partir da organização que os grupos elaboraram, restando um grupo de cartões A3 com imagens selecionadas para cada conceito. Tendo feito isso, o grupo terá construído uma curadoria compartilhada a partir de suas próprias investigações.

D. Este é um momento para convidar todas as pessoas envolvidas a refletirem sobre os desafios em relação a compartilhar entendimentos sobre a realidade e barganhar visões e argumentações.

E. Esta atividade pode ser concluída a partir de uma reflexão acerca da importância de se pensar a curadoria de forma ampla, como um meio de conceber narrativas sobre os elementos que compõem nossas realidades. Por se tratar de uma experiência coletiva, esta atividade suscita a construção colaborativa de conhecimentos acerca daquilo que nos cerca, e vale a pena evidenciar com as pessoas, que a colaboração não necessariamente deve gerar unicamente consensos e concordâncias, mas que, havendo dissensos e perspectivas distintas, estas possam, juntas, coexistir a partir do direito à diversidade.

Exercitando o olhar

Justificativa antes da proposta ampla (**PORQUE SUGERIMOS ESSA ABORDAGEM**):

Entre uma imagem e outra há sempre uma continuação, que por sua vez, só pode ser imaginária. A imagem, embora o senso comum diga o contrário, não é índice de realidade. Em vez disso, ela é um instante capturado com uma intenção e por esse motivo, passa por um processo de seleção (**O QUE ENTRA E O QUE FICA DE FORA, O QUE ESCOLHO MOSTRAR E COMO, E O QUE NÃO ESCOLHO MOSTRAR**). Esse processo fica mais evidente quando se trata de uma pintura, na qual o controle pelo pintor é mais perceptível. Mas na fotografia esse princípio de seleção e montagem também ocorre, seja uma montagem mental feita antes ou uma montagem via manipulação feita depois ou durante o processo. Quando pensamos nessa continuação entre uma imagem e outra, estamos falando de uma continuidade imaginária existente entre as imagens, um elo invisível. Do mesmo modo, sendo assim, existiria também um elo imaginário, uma distância entre a imagem e quem vê. Pretendendo explorar esse espaço mental, propomos uma leitura simples de imagem para ser feita em sala de aula. O intuito é que a análise e a discussão das imagens nos ajude a percorrer esse espaço.

PROPOSTA AMPLA

1. Etapa: aproximação (nomear os elementos da imagem, o que se vê).

2. Etapa: contextualização a partir das legendas das imagens na exposição: pesquisa da produção da imagem:

Quem produziu 

Quando 

Com que intenção 

Qual o suporte 

Contexto histórico e processo
da criação da imagem.

3. Etapa: especulação (imaginar a partir do que se vê, levando em consideração o repertório de todas as pessoas envolvidas na leitura da imagem).

4. Etapa: discussão a partir do que foi colocado previamente.
Colocar as perguntas provocativas:

1. O que você se pergunta quando vê uma
imagem?

2. O que as imagens te perguntam?

3. É possível que uma imagem nos pergunte
algo?

4. O que você imagina do que não se pode ver na
imagem?

5. É possível que muitas cidades existam em
uma só?

6. Todas as cidades ou toda a cidade cabem em
uma só imagem?

7. A poética da imagem pode ser (d)escrita?

FONTE DE PESQUISA

Associação Internacional das Cidades Educadoras. Carta das Cidades Educadoras. 1990. Disponível em: <https://www.edcities.org/pt/carta-das-cidades-educadoras/> - acesso em 06 de abril de 2023.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

CANAL FUTURA, Krenak: Vivos na Natureza Morta. Youtube, Nov. 2017. Disponível em: <https://youtube.com/playlist?list=PLNM2T4DNz-mq5pDAQv5yDwQnE4qHJJ--EW> Acesso em: 03/01/2023.

COATES, Ta-Nehisi. Entre o mundo e eu. Tradução Paulo Geiger. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2015.

DU BOIS, W.E.B. As almas do povo negro. São Paulo, Editora Veneta, 2021.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro, Editora Zahar, 1994.

ESCOBAR, Arturo. Territórios de diferença: a ontologia política dos "direitos ao território". In: Revista ClimaCom Cultura Científica. Ano 3. Número 06. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/territorios-de-diferenca-a-ontologia-politica-dos-direitos-ao-territo-rio/>. Acesso em: 23/11/2022.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. São Paulo, Ubu Editora, 2020.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência. São Paulo, Editora 34, 2017.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Fenomenologia do Espírito. Petrópolis, Editora Vozes, 1992.

KURASAWA, FUYUKI. A Cosmopolitanism from Below: Alternative Globalization and the Creation of a Solidarity without Bounds. In: *European Journal of Sociology*. Vol. 45, no. 2, 2004, pp. 233–55. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/23999133>. Acesso em: 06/04/2023.

MINTZ, Sidney W; PRICE, Richard. O Nascimento da cultura afro-americana: uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro, Pallas/Universidade de Cândido Mendes, 2003.

MORAES, João Antônio Pentagna. O outro encantado no pensamento indígena: uma escuta clínica. In: *Revista ClimaCom Cultura Científica*. Ano 8. Número 20. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/o-outro-encantado> . Acesso em: 22/03/2022.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónkẹ. A Invenção das Mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. São Paulo, Editora Bazar do Tempo, 2021.

PATERNIANI, Stella Zagatto. Da branquidade do estado na ocupação da cidade. Brasília, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 31, n° 91, 2016.

RACIONAIS: DAS RUAS DE SÃO PAULO PRO MUNDO. Direção: Juliana Vicente. Produção de Preta Portê Filmes. Brasil: Netflix, 2021.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2019.

WEINSTEIN, Barbara. A cor da modernidade: a branquitude e a formação da identidade paulista. São Paulo, Edusp, 2022.

WEST, Cornel. Entrevista em: EXAMINED Life. Direção: Astra Taylor. Canadá, 2008. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xf-D3X3f5C_w. Acesso em 18/11/2022.

FICHA TÉCNICA

PREFEITURA DE SÃO PAULO

Ricardo Nunes

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Aline Torres

SECRETÁRIO ADJUNTO

Thiago Lobo

CHEFE DE GABINETE

Rogério Custódio de Oliveira

DEPARTAMENTO DOS MUSEUS MUNICIPAIS

Marcos Cartum

NÚCLEO DE ADMINISTRAÇÃO

Andréa Lopez Ruiz, Danilo Montingelli, Eliane Aparecida de Oliveira (coordenação), Fernando Luiz de Camargo, George Paulo de Oliveira, Marfísia Lancellotti e Mauro Marcelo de Souza

NÚCLEO DE ACERVO ARQUITETÔNICO

Lannes Galil Moura, Regina Helena Vieira Santos, Ricardo Aguillar da Silva e Roberto de Souza (coordenação), Paulo Henrique Franca Maciel (estagiário)

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO

Fernanda Mendes Queiroz.
Camila Rocha (estagiária)

NÚCLEO DE CURADORIA

Gabriela Rios, Henrique Siqueira (coordenação), Monica Caldiron, Paulo Vinicio de Brito e Sofia Castilho. David Queiroz (estagiário)

NÚCLEO DE FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE PÚBLICOS - EDUCATIVO

Beatriz Bonifácio, Emília Maria de Sá e Nádia Bosquê (coordenação)

NÚCLEO DE MUSEOLOGIA E ACERVOS

Brenda Alves Marques, Elton Bueno, Evaldo Piccino, João de Pontes Junior, Mariza Melo Moraes, Paula Talib Assad (coordenação) e Vera Toledo Piza. Gabriela Mesquita de Carvalho e Giulia Nascimento (estagiárias)

NÚCLEO DE PRODUÇÃO

Tereza Cristina Ribeiro Lacerda (coordenação) e Victoria Atalla Lopes (estagiária)

PROGRAMA JOVEM MONITOR CULTURAL

Andressa Oliveira, Bernardo dos Santos e Valéria Ferro

EQUIPES TERCEIRIZADAS

Arteeducação Produções – AEP
(educadores), MRS São Paulo
(segurança patrimonial), MRO
(manutenção predial), Paineiras
(limpeza)

INTERSECÇÕES: NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS) NA CIDADE DE SÃO PAULO

**Museu da Cidade de São Paulo
Núcleo de Curadoria**

CURADORIA GERAL

Adriana Ferreira
Eleilson Leite
Nabor Junior

CURADORIA MÓDULO INDÍGENA

Jera Guarani

PRODUÇÃO EXECUTIVA

AYO Cultural
Gabriel Pires de Camargo Curti
Julia Brandão

PRODUÇÃO E ASSISTÊNCIA DE CURADORIA

Luíza Testa

PROJETO EXPOGRÁFICO

Estúdio GRU
Jeanine Menezes
Lucas Donnangelo (assistente)

COORDENAÇÃO DE DESIGN GRÁFICO

Alexandre De Maio

IDENTIDADE VISUAL

Thamyres Donadio

CENOGRAFIA

Artos

MONTADORES

Eduardo Ferreira
Iano Mahmmed
Jeff Lemes
Kiko Gomes
Zé Andery

ILUMINAÇÃO E INSTALAÇÃO AUDIO VISUAL

MMV

REVISÃO E TRADUÇÃO DE TEXTO

WATT - Texto e Tradução

AGRADECIMENTOS

Ação Educativa – Espaço
Cultural Periferia no Centro
Adriano José Lima de Jesus
Akins Kinte
Alai Diniz
Alexandre Marques
Américo Córdula
Angela Maria Schwengber
Athalyba-Man
Cecília Schwengber Leite
Claudio Santista
Clayton João da Silva
Dirce Thomaz

Dj Aline Vargas
Dj Elly (DMN)
Dj Giba (Região Abissal)
Eugênio Lopes (Gênio X)
Érica Malunguinho
Ézio Rosa
Fernanda (Marcha das Mulheres Negras SP)
Fernanda Nascimento
Fernando Alabê
Flow MC (Batalha do Santa Cruz)
Gáspar (Z'África Brasil)
Gil Douglas (Doguinha)
Gledson Neix
Guilherme Botelho
Gustavo Soares
Hélder Dias
Jader Nicolau
James Lino (Potencial 3)
Jefferson Santiago Mateus (Pagode da 27)
Jera Guarani
João Paulo (Ndee Naldinho)
José Mariano (Zezão Eventos)
Juliana da Costa Gomes
Juliana Gonçalves (Marcha das Mulheres Negras SP)
Júlio Cesar R. Costa (Pagode da 27)
Júlio Marcelino
Laboratório Fantasma
Livia Lima da Silva
Maria Helena Embaixatriz
Marisa Moura
Marília Fróis
Mauro Neri
Michelle Ohl
Moisés da Rocha

Monica Nador
Ocupação Cultural Mateus Santos
Okupação Cultural Coragem
Oswaldo Faustino
Paulo Dauria
Periferia em Movimento
Projeto Espremedor
Raquel Almeida
Reginaldo José
Samuel Iavelberg
Sarau Elo da Corrente
Sidney Santiago Kuanza
Tiaraju Pablo D'andrea
Toni C
Uil Ribeiro (Coletivo Som na Praça)
UNAS – Heliópolis e Região
União de Moradores de Paraisópolis
Zé Batidão

ARTE EDUCAÇÃO PRODUÇÕES

SUPERVISÃO TÉCNICA

Edna Onodera

SUPERVISÃO ADMINISTRATIVA

Kátia Donley
Luana Venâncio

SUPERVISÃO EDUCATIVO

Cassandra Moura
Rodrigo Monteiro

COMUNICAÇÃO EDUCATIVO

Andréa Faragacci

EDUCADORES

Alaide Cadima
Amanda Filgueiras
Fernando Saab
Frida Córdova
Gabriela Díaz Velasco
Giovanni Fernandes
Gustavo Silva Sousa
Heloiisa Rosa
Henrique Macedo de Alencar
Isabella Stoscheck
Isadora Borges Brito
Isis Silva
Jodes Moreira
Lucas Xavier
Marcel Cabral Couto
Mariana Rezende
Mario Miranda
Oswaldo Sant'Anna
Pamela da Silva Nascimento
Pedro Pereira
Rafael Pencinato
Renée Ferreira
Rodrigo Lima
Vitória Carmo
Vitória Dias Cuba
Wellington Conegundes

MATERIAL EDUCATIVO

PROJETO EDITORIAL E TEXTOS

Alaide Cadima
Cassandra Moura
Frida Córdova
Lucas Xavier
Pedro Pereira
Rafael Pencinato
Rodrigo Monteiro

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Andréa Faragacci

ARTISTAS QUE COMPÕEM O MATERIAL EDUCATIVO:

Fotografia capa/caixa

Nego Júnior

Cartões

Coletivo de Olho na Quebrada
Coletivo Periferia em Movimento
Dona Jacira
Luiz Paulo Lima
Mandelacrew
Marcha das Mulheres Negras
Mariana Prudêncio
Mauro Neri
Noélia Nájera
Patrícia Freire
Renan Inquérito
Roniel Felipe
Samuel Iavelberg
Tally Campos
Tuca Vieira

Cartazes

Henrique Saad
Rogério Pixote
Wagner Celestino

MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO

SOLAR DA MARQUESA DE SANTOS

R. Roberto Simonsen, 136
Sé - São Paulo

CASA DA IMAGEM

R. Roberto Simonsen, 136b
Sé - São Paulo

BECO DO PINTO

R. Roberto Simonsen, 136
Sé - São Paulo

CHÁCARA LANE

R. da Consolação, 1024 Consolação
- São Paulo

CAPELA DO MORUMBI

Av. Morumbi, 5387
Morumbi - São Paulo

CASA DO TATUAPÉ

R. Guabijú, 49
Tatuapé - São Paulo

CRIPTA IMPERIAL

Pç. do Monumento, s/n
Vila Monumento - São Paulo

CASA DO GRITO

Pç. do Monumento, s/n
Vila Monumento - São Paulo

CASA DO BANDEIRANTE

Pç. Monteiro Lobato
Butantã - São Paulo

CASA DO SERTANISTA

Praça Ênio Barbato, s/n
Caxingui - São Paulo

CASA MODERNISTA

R. Santa Cruz, 325
Vila Mariana - São Paulo

CASA DO SÍTIO DA RESSACA

Rua Nadra Raffoul Mokodsi, 3
Jabaquara - São Paulo

SÍTIO MORRINHOS

Rua Santo Anselmo, 102
Jd. São Bento - São Paulo

De terça-feira a domingo,
das 9h às 17h.

Entrada gratuita,
sem necessidade de agendamento
para visita espontânea.

Agendamento de grupos por e-mail:
educativomuseudacidade@gmail.com
www.museudacidade.prefeitura.sp.gov.br

Contato:
museudacidade@prefeitura.sp.gov.br



Arteeducação Produções



museu
da cidade de
são paulo



CIDADE DE
SÃO PAULO
CULTURA

ANEXO

- _ Coletivo de Olho na Quebrada
- _ Coletivo Periferia em Movimento
- _ Dona Jacira
- _ Luiz Paulo Lima
- _ Mandelacrew
- _ Marcha das Mulheres Negras
- _ Mariana Prudêncio
- _ Mauro Neri
- _ Noelia Nájera
- _ Patrícia Freire
- _ Renan Inquérito
- _ Roniel Felipe
- _ Samuel Iavelberg
- _ Tally Campos
- _ Tuca Vieira

- _ Henrique Saad
- _ Rogério Pixote
- _ Wagner Celestino



COLETIVO DE OLHO NA QUEBRADA

Série “Baile do Helipa”

Fotografia
2022

INTERSEC
NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS)
NA CIDADE DE SÃO PAULO **ÇÕES**



COLETIVO PERIFERIA EM MOVIMENTO

Série “Aldeia Kalipety - Modo de vida indígena”

Fotografia

2022

INTERSEÇÕES
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO



COLETIVO PERIFERIA EM MOVIMENTO

Série “Aldeia Kalipety - Modo de vida indígena”

Fotografia

2022

INTERSEÇÕES
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO



En luto por
las avomas
que se fueron
de la vida

Sonday
Soy
Soy

LA
R
O
Y
EXU
M
O
J
U
BA

INT
AL
VIVO
VIV
AGU
LAVEL

DONA JACIRA

Bloco Afro Afirmativo Ilú Inã

Estandarte
2018

INTERSEC
NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS)
NA CIDADE DE SÃO PAULO **ÇÕES**



**LUIZ PAULO
LIMA**

Cara-Pintada

Fotografia
1992

INTERSEÇÕES
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO



MANDELACREW

Mano Brown

Fotografia

2009

INTERSEC
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO **ÇÕES**



MARCHA DAS MULHERES NEGRAS DE SÃO PAULO

Projeção
2020

I NTERSEC
NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS)
NA CIDADE DE SÃO PAULO **ÇÕES**



ACEITAM
Vários Cart

Maestro

VISA

MasterCard

VISA
Electron

S

SOLOCRED

AMERICAN
EXPRESS

Cielo

elo

MARIANA PRUDÊNCIO

Sem título

Fotografia

2018

INTERSEÇÕES
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO



NA LINHA AMARELA

**CARGA E
DESCARGA
PERMITIDA**

**MAURO
NERI**

A Marquesa da Quebrada

Grafite
2023

INTERSEC
NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS)
NA CIDADE DE SÃO PAULO **ÇÕES**



**NOELIA
NÁJERA**

**Cortejo do Bloco
Afro Afirmativo Ilu Inã**

Fotografia
2019

INTERSEC
NEGROS(AS), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(AS)
NA CIDADE DE SÃO PAULO **ÇÕES**



**PATRÍCIA
FREIRE**

**Festa da Igreja do Rosário dos Homens Pretos da
Penha de França**

Fotografia
2015

INTERSEÇÕES
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO

COMO
A LAJE
É TETO
É CHÃO,

ASSIM COMO
A LAJE
A POESIA É TETO
E TAMBÉM É CHÃO,

ASSIM COMO
A LAJE
A POESIA É TETO
E TAMBÉM É CHÃO,

ASSIM COMO
A LAJE
A POESIA É TETO
E TAMBÉM É CHÃO,

MIRANTE
BRADA.

A LAJE É O MIRANTE
DA QUEBRADA.

A LAJE É O MIRANTE
DA QUEBRADA.

A LAJE É O MIRANTE
DA QUEBRADA.

ENCHEU
AI PODER
TOMAR SOL

SÓ QUEM ENCHEU
A LAJE VAI PODER
TOMAR SOL

SÓ QUEM ENCHEU
A LAJE VAI PODER
TOMAR SOL

SÓ QUEM ENCHEU
A LAJE VAI PODER
TOMAR SOL

Renan Inquérito

Poemas do livro Poesia pra encher a laje,
publicado pela Literarua em 2016

Renan Inquérito

Poemas do livro Poesia pra encher a laje,
publicado pela Literarua em 2016

Renan Inquérito

Poemas do livro Poesia pra encher a laje,
publicado pela Literarua em 2016

Renan Inquérito

Poemas do livro Poesia pra encher a laje,
publicado pela Literarua em 2016

COMO
A LAJE
É TETO
É CHÃO,

ASSIM COMO
A LAJE
A POESIA É TETO
E TAMBÉM É CHÃO,

ASSIM COMO
A LAJE
A POESIA É TETO
E TAMBÉM É CHÃO,

ASSIM COMO
A LAJE
A POESIA É TETO
E TAMBÉM É CHÃO,

RENAN INQUÉRITO

Livro “Poesia pra encher a laje”

Poesia visual

2016

INTERSEÇÕES
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO



ASSIS VALENTE

ASSIS VALENTE

**RONIEL
FELIPE**

**Espetáculo “Cartas à Madame Satã ou me desespero
sem notícias suas”**

Cia. Os Crespos

Fotografia

2022

INTERSEÇÕES
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO



**SAMUEL
IAVELBERG**

Série “Rodas de Samba de Comunidade de São Paulo”

Fotografia
2004-2008

INTERSEÇÕES
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO



**TALLY
CAMPOS**

Série “Sarau Elo da Corrente”

Fotografia
2022

INTERSEÇÕES
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO



**TUCA
VIEIRA**

Série “Atlas fotográfico de São Paulo e arredores”

Fotografia

2020

INTERSEC
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO **ÇÕES**



**TUCA
VIEIRA**

Série “Atlas fotográfico de São Paulo e arredores”

Fotografia

2020

INTERSEC
NEGROS(A), INDÍGENAS E PERIFÉRICOS(A)
NA CIDADE DE SÃO PAULO **ÇÕES**



HENRIQUE SAAD

Série “Noiva no Campo”

Performance e Figurino: Lídia Lisboa

Fotografia

2014



ROGÉRIO PIXOTE

CDC União Uleromã - Arena Casarão

Fotografia
2019



WAGNER CELESTINO

Série “Cortiços”

Fotografia
1997